

GAZETA PELOTENSE: IMPRENSA DE TRANSIÇÃO EM PELOTAS (RS) NOS ANOS 1970

GAZETA PELOTENSE: TRANSITION PRESS IN PELOTAS (RS) IN THE 1970S

Amilcar Alexandre Oliveira da Rosa¹

RESUMO

Os anos 1970 definiram várias práticas posteriores em jornalismo no Brasil. Muito pelas transformações na própria imprensa, impulsionadas por outros grandes momentos de mudanças no jornalismo impresso nacional, principalmente os decorrentes das inovações protagonizadas por *Jornal do Brasil*, nos anos 1950, e *Folha da Tarde*, nos anos 1960, para ficar em dois casos importantes. Muito por conta da transição por que começava a passar a ditadura civil-militar instaurada após o golpe de 1964 contra o presidente João Goulart. Na segunda metade dos anos 1970, o jornal *Folha de S. Paulo* levou a termo uma reforma que provocou muitas discussões sobre o jornalismo impresso no Brasil a partir de então. Tributária dessas transformações, a *Gazeta Pelotense* foi uma tentativa de implementar mudanças no jornalismo na cidade de Pelotas, situada no extremo sul do Rio Grande do Sul. O jornal circulou entre setembro de 1976 e janeiro de 1977. Financiado por um empresário do ramo de transportes, introduziu novidades editoriais e gráficas que impactaram a cidade e a região. Este artigo é a reconstituição possível de alguns daqueles fatos, nos limites da memória dos e das participantes e do próprio autor.

Palavras-chave: Gazeta Pelotense. Imprensa de transição. Ditadura civil-militar brasileira.

ABSTRACT

*The 1970s defined several later practices in journalism in Brazil. Much due to the transformations in the press itself, driven by other great moments of change in national printed journalism. Mainly those resulting from the innovations carried out by *Jornal do Brasil*, in the 1950s, and *Folha da Tarde*, in the 1960s, to name two cases important. Much because of the transition that began to pass the civil-military dictatorship installed after the 1964 coup against President João Goulart. In the second half of the 1970s, the newspaper *Folha de S. Paulo* carried out a reorganization that provoked many discussions about printed journalism in Brazil since then. Confluent of these transformations, *Gazeta Pelotense* was an attempt to implement changes in journalism in the city of Pelotas, located in the extreme south*

1 Jornalista profissional, historiador. Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (1991), Graduação em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (1990) e Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005).

of Rio Grande do Sul. The newspaper circulated between September 1976 and January 197, introduced editorial and graphic novelties that impacted the city and the region and was financed by a businessman of transports area. This article is a possible reconstruction of some of those facts, within the limits of the memory of the participants and the author himself.

Keywords: *Gazeta Pelotense*. Transition Press. Brazilian civil-military dictatorship.

INTRODUÇÃO

Originalmente rico em publicações, inclusive iniciativas de setores populares, com o passar do tempo o jornalismo praticado em Pelotas, cidade situada no extremo sul do Rio Grande do Sul, foi marcado pela concentração e pela pouca diversidade editorial. A partir da segunda metade do século XIX, particularmente após 1851, quando surgiu o jornal *O Pelotense*, primeiro periódico da cidade (LONER; GILL; MAGALHÃES, 2012), houve publicações com origens e objetivos variados durante o Império e a República. A mais duradoura delas, que ainda hoje é publicada, é o *Diário Popular*, jornal fundado em 1890 como veículo independente. Vendido ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), permaneceu na condição de jornal partidário até o final dos anos 1930, quando sua denominação mudou para *Gráfica Diário Popular*, já que o Estado Novo proibia a existência de veículos com aquele perfil (CAETANO, 2014). Nos anos 1990, o *Diário Popular* era considerado “o jornal diário em circulação mais antigo do Estado e o terceiro do Interior em tiragem e circulação” (DORNELLES, 2004 apud BANDEIRA, 2018, p. 124).

Durante todo este período, a cidade conviveu também com algumas iniciativas de jornais voltados para segmentos específicos, além dos diários comerciais. Entre os jornais segmentados, o de maior duração foi também uma das iniciativas mais interessantes na imprensa pelotense, o jornal *A Alvorada*, fundada por trabalhadores negros que participavam da vida social da cidade, principalmente dos clubes sociais negros, e não se viam representados pelas outras publicações locais. *A Alvorada* circulou durante 58 anos (1907-1965), com várias interrupções (SANTOS, 2003), sendo contemporâneo de alguns dos eventos mais importantes do século passado, como a Revolução Russa, de 1917, e as duas grandes guerras mundiais, acontecimentos que mereceram análises em suas páginas.

Na segunda metade do século passado, a diversidade de publicações locais já não era uma realidade na cidade. O número de publicações foi rareando, por uma série de motivos que não cabe aprofundar neste artigo, até chegar aos dois únicos periódicos locais em circulação na atualidade: o *Diário Popular* e o *Diário da Manhã*. Este, fundado em 1979. A população de Pelotas também dispunha de publicações de outras cidades, principal-

mente as da capital, Porto Alegre, além das de outros estados. Neste caso, principalmente do Rio de Janeiro e de São Paulo. Nos anos 1970, segundo depoimentos de entrevistados ouvidos para a elaboração da pesquisa que originou este artigo, enquanto os jornais da capital, *Zero Hora* e *Correio do Povo*, circulavam com regularidade em Pelotas, os jornais do Rio de Janeiro (*Globo* e *Jornal do Brasil*) e de São Paulo (*Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*) enfrentavam vários problemas para chegar às bancas ou às casas dos assinantes. Algumas vezes, chegavam com mais de um dia de atraso.

Neste cenário, na primeira metade dos anos 1970, Manuel Marques da Fonseca Júnior, empresário do setor de transporte rodoviário² e também proprietário do cinema e rádio *Pelotense*, em Pelotas, e da rádio *Minuano*, em Rio Grande, decidiu financiar um jornal para concorrer com o quase nonagenário *Diário Popular*. Mesmo com a ditadura civil-militar em vigor no país desde 1964, com rígidas regras de controle sobre a imprensa, principalmente após a edição do Ato Institucional n. 5 (AI-5), de 13 de dezembro de 1968, e uma situação política e econômica delicada (ALENCASTRO, 2014; AQUINO, 1999; KUCINSKI, 2001), o empresário possuía os recursos e a ousadia para investir em um projeto em uma área sempre sensível, a produção e divulgação de informações.

O jornalismo, em especial o jornalismo impresso, não era a área de atuação principal do empresário, ainda que fosse proprietário de duas emissoras de rádio. Portanto, era preciso encontrar uma pessoa que tocasse o projeto de jornal, que montasse a equipe, enfim, uma pessoa de confiança para se encarregar da publicação, desde o planejamento inicial até a coordenação do trabalho no dia a dia. Faltam detalhes sobre as circunstâncias que levaram ao encontro entre o empresário e Aldyr Garcia Schlee, jornalista, ilustrador, caricaturista, professor e escritor, e à escolha deste para assumir a produção do jornal. Schlee é conhecido mundialmente como o autor do desenho da camisa da Seleção Brasileira de futebol premiado pelo jornal carioca *Correio da Manhã*, em 1953. Na época da premiação, o ilustrador tinha apenas 19 anos. A publicação carioca foi o começo de sua carreira no jornalismo, onde passou a conviver com companhia seleta: Nelson Rodrigues, Antônio Callado, Millôr Fernandes, Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta) e Samuel Wainer.

A experiência rendeu frutos. Samuel Wainer trouxe Schlee para trabalhar como planejador gráfico do jornal *Última Hora* em Porto Alegre, nos anos 1960. Após a experiência na *Última Hora*, Schlee também trabalhou

2 Cf. Expresso Embaixador. Disponível em: <<http://www.expressoembaixador.com.br/a-embaixador>>. Acessado em: 18 nov. 2019. Cf. Transportadora VaptVupt. Disponível em: <http://www.transportadoravaptvupt.com.br/>>. Acessado em: 18 nov. 2019.

nos jornais *A Opinião Pública* e *Diário Popular*, ambos de Pelotas. No *Diário Popular*, chegou a secretário de redação. Em 1963, publicou neste jornal a reportagem “O xisto betuminoso no Rio Grande do Sul, seu aproveitamento e sua industrialização”, vencedora da categoria regional do “Prêmio Esso de Jornalismo”, o mais importante do país na área. Schlee também foi um dos fundadores do curso de Comunicação da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Na época em que começou a discutir a criação de um novo jornal com o empresário Fonseca Júnior, o jornalista dava aulas de Português, Literatura e Retórica no Colégio Municipal Pelotense. As atividades na escola já haviam provocado algumas dores de cabeça ao professor por representantes do governo que mal se instalara, em abril de 1964. Ao estimular os alunos a realizarem exercícios críticos ao governo, Schlee respondeu a um inquérito policial-militar (Figura 1). A partir desse episódio, os governantes que assumiram em 1964 sempre mantiveram estreita vigilância sobre ele e, futuramente, sobre outros integrantes da redação do jornal³.

3 Informações obtidas durante a entrevista com Schlee e em sites e publicações diversas. A informação sobre o prêmio Esso de Jornalismo foi obtida em reprodução digital do jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, de 10 de maio de 1963 (JORNAL CORREIO DA MANHÃ. Guapé e Pelé garantem novos grandes prêmios de reportagem no Brasil. 10 de maio de 1963, 1º Caderno. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=39594&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em 31 jul. 2019). Schlee foi autor e tradutor de quase 30 livros, participou de várias antologias, recebeu duas vezes o prêmio da Bienal de Literatura e outras seis vezes o prêmio Açorianos de Literatura. Algumas de suas principais obras: “O outro lado, noveleta pueblera” (2018), “Memórias de o que já não será” (2014), “Contos da Vida Difícil” (2013), “Don Frutos” (2010), “Glossário de Simões Lopes Neto” (2009), “Os limites do impossível - os contos gardelianos” (2009), “Contos gauchescos e Lendas do Sul”, de João Simões Lopes Neto, edição crítica com estabelecimento da linguagem (2007), “Contos de Verdades” (2000), “Linha Divisória” (1998), “Contos de Futebol” (1997), “El día en que el papa fue a Melo” (1991, publicado originalmente no Uruguai, republicado em português como “O Dia em que o Papa foi a Melo”, 1999), “Uma Terra Só” (1984), “Contos de Sempre” (1983). A propósito, cf. “Você já leu um livro de Aldyr Garcia Schlee?”, JORNAL ZERO HORA, nov./2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2018/11/voce-ja-leu-um-livro-de-aldyr-garcia-schlee-cjosvyz8wofudo1pidt1a5y1e.html>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

[illegible]

1 NOVO JORNAL? GAZETA PELOTENSE

A gente começou a ver os preços desses materiais e ver tudo o que podia importar sem custo de importação, porque não tinha igual no Brasil. Acabamos comprando, na parte gráfica, mesmo, um equipamento fundamental. A fotocomposição eram seis máquinas e dois computadores. Dois computadores. E agora a gente acha graça de ter sido vítima disso.

O Fonseca nem chegava, mandava o Paulo Roberto [Góz]⁴ falar comigo, com o Vaz⁵. De uma hora para outra ele abriu: “Não, vamos comprar tudo o que tem que comprar.” Tinha que comprar um computador para fazer o fotolito. Tinha só máquina brasileira. “Quanto custa?” Fez as contas. “Não, compra dois, que pode quebrar o disco com as fontes.” Quebrou, né? Custou uma banana, como se dizia na época⁶.

Os equipamentos vieram da Califórnia, chegando ao porto de Rio Grande (RS), de onde foram trazidos para Pelotas. A impressão seria feita em *offset*⁷, seguindo os mais modernos sistemas adotados por algumas publicações no Brasil. Entre elas, o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. O *Correio do Povo*, a outra principal publicação da capital gaúcha, continuava a se valer da linotipia para imprimir o jornal (SPERANZA, 2007). Enquanto adquiria os equipamentos de composição e impressão, o empresário aprovava a construção de um prédio na região central da cidade para abrigar a redação, o setor administrativo e a gráfica. A montagem da equipe e esboços de estrutura editorial e gráfica eram outras atividades a que se dedicavam Schlee e auxiliares próximos.

Do ponto de vista editorial, era preciso, em primeiro lugar, definir o nome da publicação. Nos primeiros exercícios, foi adotado o nome “Novo Jornal”, mas, ao final, prevaleceu o nome “Gazeta Pelotense”, embora se pudesse observar um grafismo com a letra “N”, referência à proposta original, na capa da publicação, em todas as edições, a começar pela de número 1, de 25 de setembro de 1976 (Figura 2).

4 Paulo Luiz Barcelos Góz, vice-presidente do jornal, atualmente dirige a Rádio Pelotense, em Pelotas (RS).

5 Luiz Carlos Vaz, secretário gráfico do jornal, aposentado como servidor da UFPel, vive em Pelotas (RS).

6 Entrevista concedida por Aldyr Garcia Schlee ao autor em agosto de 2018.

7 O processo de impressão em *offset* tem origem na litografia, e o mesmo princípio: repulsão entre material gorduroso (tinta) e água. No *offset*, “[...] o princípio de funcionamento é o mesmo da litografia com a diferença de que a matriz não entra em contato direto com a folha. Daí vem o termo *offset*. Significa impressão ‘fora do lugar’ ou ‘deslocada’. É utilizado um cilindro de borracha, chamado de blanqueta ou caucho, que transfere (ou desloca) a imagem da pedra para a folha. [...] O desenvolvimento da fotografia e os processos fotoquímicos também permitiram a gravação de chapas de zinco em substituição às pedras litográficas. O original a ser impresso era fotografado e o filme revelado era sobreposto a uma chapa pré-sensibilizada que passava pelo mesmo processo de exposição e revelação da fotografia. A chapa de metal flexível com a imagem era afixada em um cilindro. O restante do processo assemelha-se à litografia [...]” (LESCHKO, 2011, p. 42-43). O filme que sensibiliza as chapas para a impressão chama-se fotolito.

Figura 2 – Capa da primeira edição da *Gazeta Pelotense*



Fonte: Gazeta Pelotense, n.1, 25 set. 1976. Reprodução do autor, 2019.

O próximo passo era se valer das novidades tecnológicas que permitiam aproveitar o uso de fotografias em profusão nas páginas do periódico. Por um breve tempo, essa seria a estratégia principal de Schlee: investir em imagens, inclusive as reproduzidas das telas de televisores, para cativar o público, que passaria a “se ver” no jornal (Figura 3), coisa que a impressão a partir de clichês dificultava, já que as fotografias quase sempre eram reaproveitadas neste processo. Com o *offset*, as fotografias ganhavam outra importância nas publicações, uma estratégia inaugurada em jornais ainda na década de 1950, como a Última Hora de Samuel Wainer (ABREU, 2002).

Figura 3 - Público leitor nas páginas da Gazeta Pelotense



Fonte: Gazeta Pelotense n. 72, 12 dez. 1976. Reprodução do autor, 2020.

A estratégia passava também pelo investimento em outras duas frentes: na constituição de uma equipe que abraçasse o projeto, de maneira a fazer da publicação uma novidade no mercado editorial pelotense e gaúcho; e na formação de um público que consumisse uma informação diferenciada. A constituição da equipe antecipou um movimento que a *Folha de S. Paulo* inaugurou naquele ano de 1976, a prioridade dada a escritores com conhecimento dos assuntos abordados pelo jornal, independente da formação em jornalismo (ABREU, 2002). Isso daria margem a conflitos com outros jornais e com jornalistas identificados com a proposta de profissionalização cada vez maior das redações, após a promulgação do Decreto-Lei 972/69, que tornou obrigatório o diploma para o exercício da profissão de jornalista (ABREU, 2002).

O decreto-lei, aprovado em plena vigência da ditadura, contempla-

va as restrições típicas do período com relação à liberdade de imprensa e à liberdade de manifestação do pensamento. A regulamentação também atendia às exigências decorrentes do surgimento de cursos de Comunicação, ou de Jornalismo, que se multiplicavam pelo país. E aos quais nem todos os estudantes tinham acesso. Ou seja, também poderia ser considerada uma medida elitista, que afastaria das redações as pessoas interessadas em trabalhar na área, mas que não teriam como frequentar um curso superior, muitas vezes pago. O resultado, segundo Kucinski (2001), foi o inverso, já que as novas gerações chegavam às redações com a veia crítica afiada contra as ações do governo.

O outro aspecto é o relativo à formação do público leitor. Talvez este seja um dos aspectos mais controversos na estratégia dos integrantes da equipe da *Gazeta Pelotense*. Afinal, essa medida contraria em princípio o que deveria ser um mantra dos jornalistas e dos jornais: colocar o interesse do público como prioridade. Da forma pensada pelos responsáveis pela *Gazeta Pelotense*, esse interesse pode ser visto como algo a ser moldado, e a informação, como algo a ser ofertado, independente do interesse do público. Ou seja, essa prática pode sugerir que os fatos serão cobertos não como fatos, mas a partir de uma interpretação sobre o que seria melhor para o público leitor. Essas são questões historicamente levantadas com relação ao trabalho dos jornalistas, principalmente quando se discute o jornalismo como uma instância de poder nas relações sociais. Nas entrevistas feitas com antigos integrantes da equipe do jornal, fica clara a intenção de fazer um jornal diferenciado, mas não esse cuidado com relação à prioridade dada ao interesse do público.

Entre as principais ações que tiveram a finalidade de investir na formação do público, a *Gazeta Pelotense* apresentou um caderno dominical cultural que foi considerado a menina dos olhos do jornal, mas que problematiza ainda mais a questão levantada anteriormente. O caderno foi a oportunidade de reunir intelectuais da cidade que não conseguiam ou não queriam publicar seus materiais no outro jornal local. Contribuiu para essa resistência – e para a posterior adesão ao projeto do novo jornal – a qualidade gráfica apresentada pela *Gazeta Pelotense*. Esta informação é confirmada pelo ex-editor do caderno, Valter Sobreiro Júnior:

As pessoas procuravam o jornal para publicar seus textos, relatos de viagens, imagens. A qualidade da apresentação gráfica chamou muito a atenção e os colaboradores queriam ver seu trabalho reproduzido com aquela qualidade. Isso também colaborou para algumas dificuldades na hora do fechamento, já que nem todos conheciam a rotina de

um jornal diário e não preparavam os materiais com antecedência. O Schlee ria, brincava que eu não conseguiria fechar o caderno, mas sempre conseguia. Às vezes, levavam almoço na redação para eu não precisar sair e conseguir terminar a edição⁸.

Foram 16 edições do caderno, em que preponderavam perfis de mulheres intelectuais e de mulheres trabalhadoras de Pelotas, as famosas doceiras e suas receitas, além de aspectos da história social da cidade. Os artigos sobre a história social eram escritos pelo historiador Mário Osório Magalhães, editor de Pesquisa e Documentação e professor de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) no ano em que a *Gazeta Pelotense* circulou. Descendente do general Manuel Luís Osório, o Marquês de Herval, Mário Osório Magalhães já havia publicado um livro de poesia e outro sobre a história social de Pelotas. Quando se aposentou, era vinculado ao Departamento de História da UFPel. Os textos publicados por Mário Osório Guimarães, na *Gazeta Pelotense*, abordavam a época da pujança econômica da cidade, no final do século XIX, início do século XX, o que provocava críticas, inclusive do próprio Schlee, que cobrava análises sobre a importância da presença de escravizados na formação da cidade.

Os perfis das mulheres também chamam atenção. À exceção das doceiras, eram mulheres das classes abastadas. Segundo Valter Sobreiro Júnior, o objetivo era destacar a intelectualidade feminina da época:

Não se fazia isso na cidade, que tinha uma quantidade de intelectuais femininas, uma característica da cidade desde sempre. Eram mulheres e intelectuais e por isso eu e Nicola [Caringi] estabelecemos uma série de mulheres que deveriam ser entrevistadas. A condição não era pertencer a esse ou aquele segmento social, mas serem intelectuais com trajetória reconhecida⁹.

Alguns detalhes chamam a atenção nos perfis das mulheres intelectuais, como a referência ao fato de serem “esposas de”, nas pequenas biografias que acompanhavam os artigos. É uma referência impensável nos dias atuais, mas seria um anacronismo fazer a crítica nessas bases com relação ao jornal, mesmo considerando-se que era uma publicação que se propunha a ser diferente na abordagem de temas que historicamente tinham um tratamento conservador. Estudos sobre a problemática de gêne-

8 Entrevista de Valter Sobreiro Júnior concedida ao autor em novembro de 2020.

9 Entrevista de Valter Sobreiro Júnior concedida ao autor em novembro de 2020.

ro só começaram a ser feitos mais aprofundadamente no Brasil a partir da década de 1980 (SOIHET, PEDRO, 2007).

Da mesma forma, a cobertura de denúncias de racismo também pode causar estranhamento na atualidade, com manchetes do tipo “Promoveu baile sem licença, tentou barrar um *crioulo* e acabou preso por racismo” (GAZETA PELOTENSE, n. 26, p. 21, grifo nosso). As discussões sobre discriminação e preconceito racial, que nunca cessaram no Brasil, só ganhariam novo impulso a partir dos anos oitenta do século passado. Apesar de se propor ao novo, o jornal se debatia com os limites de seu tempo.

2 A TRANSIÇÃO POLÍTICA IMPACTA A TRANSIÇÃO DA IMPRENSA

A *Gazeta Pelotense* tem uma peculiaridade típica de momentos de transição, seja ela política, econômica, de costumes, etc. É um jornal que, sem aderir completamente a práticas usuais do momento em que foi lançada, nem por isso se distancia delas, por mais que intente construir o novo. Segundo entendo, os termos usualmente utilizados pela historiografia para referir a imprensa do período da ditadura civil-militar – grande imprensa, imprensa alternativa – não dão conta da complexidade do tipo de publicação representado pelo jornal. Não apenas a *Gazeta Pelotense*, mas várias iniciativas do período se destacam dos modelos em que normalmente são enquadrados os jornais daquela época.

Kucinski (2001) aponta algumas características da imprensa alternativa:

Durante os quinze anos (sic) de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou imprensa nanica. A palavra nanica, inspirada no formato tabloide adotado pela maioria dos jornais alternativos, foi disseminada principalmente por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais. Enfatizava uma pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa. Ainda sugeria imaturidade e promessas de tratamento paternal. Já o radical de alternativa contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil

e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam. (KUCINSKI, 2001, p. 5).

O historiador afirma que, durante os governos dos generais Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) e Ernesto Geisel (1974-1979), surgiu o maior número de jornais alternativos no país. O autor também afirma que, entre os anos de 1975 e 1976, ou seja, exatamente no momento em que a *Gazeta Pelotense* começou a ser gestada e foi para as bancas, as características da imprensa alternativa impactaram a produção jornalística e se tornaram modelos de jornalismo discutidos em cursos de comunicação (KUCINSKI, 2001). De acordo com o autor, entre 120 mil e 160 mil exemplares dessas publicações circulavam no Brasil, no período (KUCINSKI, 2001).

Alguns aspectos relativos à imprensa alternativa e às suas características, porém, são no mínimo controversos. Isso porque a imprensa surgiu de forma alternativa no Brasil:

Opinião, Movimento e Em Tempo não fundaram a imprensa alternativa. Ao contrário, foram fruto dela. A própria imprensa brasileira começou com um alternativo, o *Correio Braziliense*, fundado por Hipólito José da Costa em 1808, em Londres, entre outras coisas para lutar pela independência do nosso então futuro país [...]. Durante o Império houve vários alternativos (MARTINS; LUCA, 2008, p. 107).

Para as autoras, o fato de a definição de imprensa alternativa estar tão enraizada no período da ditadura civil-militar dos anos 1960 a 1980 no país se deve a “uma posição antigovernista generalizada” por parte desses veículos, naquele momento (MARTINS; LUCA, 2008, p. 108). Segundo as autoras, a oposição dos “alternativos” não se faz somente com relação ao governo, mas às “tendências hegemônicas” da imprensa do período (MARTINS; LUCA, 2008, p. 108).

Essas tendências conformam a outra categoria em que se enquadra a imprensa da época em que a *Gazeta Pelotense* circulou, a chamada grande imprensa. Para Luca (2008, p. 70), a expressão grande imprensa, além de ser “bastante vaga e imprecisa”, “designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro”. Essa definição se aproxima do que Charron e Bonville (2016) entendem por paradigma jornalístico. Segundo esses autores, um paradigma jornalístico é:

um sistema normativo criado por uma prática fundamentada no exemplo e na imitação, constituído de postulados, de esquemas de interpretação, de valores e de modelos exemplares com os quais se identificam e se referem os membros de uma comunidade jornalística em um dado âmbito espaço-temporal, que unem os integrantes à comunidade e servem para legitimar a prática. (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 68).

Ou seja, são regras práticas seguidas por um conjunto de profissionais, em determinada época e espaço, que determinam uma compreensão coletiva e o uso dessas práticas por uma comunidade de jornalistas. É essa prática que determinará a posterior consolidação de regras que outros profissionais seguirão ou transformarão, a depender da aceitação ou ruptura do paradigma (CHARRON; BONVILLE, 2016). A *Gazeta Pelotense*, que surge em um momento de começo de transição política, principalmente, embora beneficiária de transformações técnicas de anos anteriores, ocupará esse território, esse espaço em que as práticas começam a ser alteradas a partir das mudanças tecnológicas, por um lado, mas também da crise que em alguns anos levaria à diminuição da rigidez do sistema político.

Durante o período da ditadura, a grande imprensa apoiou o golpe contra o ex-presidente João Goulart, em sua grande maioria. Entre as exceções, destacou-se o jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, que se manteve fiel ao presidente deposto. Wainer, é importante lembrar, criou a *Última Hora* em 1951, justamente para apoiar Getúlio Vargas – que se suicidou em 1954 – e seu Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), fazendo o contraponto às críticas da oposição ao governo, passando a apoiar João Goulart, herdeiro político do ex-presidente, alguns anos depois (ABREU, 2008).

Assim, nem mesmo a grande imprensa pode ser apontada como um bloco monolítico, com características e posições uniformes. A grande imprensa que apoiou o golpe civil-militar contra João Goulart com o tempo passou a adotar outra postura, em virtude das crises política e econômica enfrentadas pelo governo, que também limitavam sua atuação. E havia também a censura que, mesmo atingindo os veículos de forma diferenciada, contribuiu para que as empresas de comunicação aos poucos fossem se tornando mais críticas com relação às práticas do governo, e com relação às suas próprias práticas recentes. Embora sem deixar de apoiar o regime (ABREU, 2008; AQUINO, 1999; LUCA; MARTINS, 2008).

A *Gazeta Pelotense* noticiava fatos que durante o período de ruptura político-institucional tinham maior dificuldade em obter acolhimento na imprensa. Mas não deixava de ser um empreendimento comercial, bancado por um empresário que tinha todo o interesse em obter retorno

de seu investimento. Nesse sentido, elementos da transição estão presentes na grande imprensa. E também na imprensa alternativa, que surgiu naquele momento como espaço crítico, um campo deixado em aberto pela grande imprensa pela adesão ao golpe de 1964. A imprensa desses períodos de transição – que denomino imprensa de transição – é uma categoria que não se descola do contexto em que o jornalismo é produzido. Ao contrário, contribui para produzi-lo, absorvendo características das práticas jornalísticas do momento e tentando ser o que o jornalismo quase nunca consegue ser – o espaço permanente da crítica –, principalmente em sociedades desiguais, que não têm tradição no exercício do controle social dos meios informativos, como o Brasil.

3 A CRÍTICA AO MODELO E O FIM DA GAZETA PELOTENSE

O surgimento da *Gazeta Pelotense* não foi uma unanimidade entre outros veículos de comunicação. Várias publicações do estado saudaram a iniciativa, incluindo o concorrente local, o *Diário Popular*, que parabenizou o novo jornal em uma pequena nota publicada na edição de 26 de setembro daquele ano, na página 8. Mas a expectativa de criação de empregos para jornalistas, frustrada pela política de empregar também redatores sem diploma de Jornalismo, fez com que o novo jornal recebesse fortes críticas de, pelo menos, uma publicação do estado, o *Coojornal*, cooperativa de jornalistas profissionais fundada em 1975, em Porto Alegre. Segundo o *Coojornal*, a *Gazeta Pelotense* acrescentava “quase nada ao mercado de trabalho de Pelotas” (COOJORNAL, out. 1976, n. 9, p. 5).

Não foi a única vez que os jornalistas da capital se referiram de forma inamistosa à publicação da Zona Sul do estado. Curiosamente, o título da matéria do *Coojornal* que noticiou o lançamento da *Gazeta Pelotense* era “Pelotas resiste”, embora a crítica fosse dura:

A maioria dos funcionários da redação não é jornalista – mas há professores e até funcionários públicos. O único da equipe que tem registro profissional como jornalista é Mário Alberto Soares. Por isso ele foi apresentado com o cargo de redator-responsável, embora seja, na verdade, apenas chefe da publicidade. (COOJORNAL, n. 9, out/76, p. 5).

Em matéria da página 5, da edição número 12, de janeiro de 1977, com o título “Briga em família fecha a Gazeta”, o *Coojornal* elenca várias razões que teriam levado ao fim da publicação, “três meses depois de um pretensioso, mas atribulado lançamento” (COOJORNAL, n. 12, jan/77, p. 5):

O motivo da briga teria sido uma dívida de Cr\$ 600 mil e as vítimas reais não são as pessoas diretamente envolvidas, mas os 56 funcionários - jornalistas, gráficos, pessoal de expediente – que receberam o aviso prévio inesperado e uma vaga promessa de que o jornal poderá voltar a circular em um mês. (COOJORNAL, n. 12, jan/77, p. 5).

As razões para o fim do projeto ainda são um mistério. A causa mais divulgada é o fim do casamento do empresário que financiava o jornal. Os herdeiros não teriam demonstrado interesse na continuidade do projeto, que durara apenas três meses, com 91 edições. Falta de recursos não parece ter sido problema, segundo Schlee, que afirmou ter obtido garantias de que o financiamento ocorreria pelo tempo necessário, até que o jornal andasse com as próprias pernas. Além da resistência de parte da família que, segundo alguns depoimentos de entrevistados, consideravam o projeto muito fora da natureza de investimentos tradicionais do empresário – embora este tivesse duas emissoras de rádio, sempre é bom lembrar –, outro motivo para o fim da publicação foi levantado por Schlee, durante a entrevista realizada em agosto de 2018. E tem relação com especulação e lucro:

A iniciativa de fazer o jornal começa quando eu era professor de jornalismo. Eu sempre fiz aquele projeto de jornal que eu tenho até hoje [agosto de 2018]. Se agora me pedissem para fazer um jornal, eu saberia quanto custa, que erros se comete, e principalmente esse cuidado de que o investidor não nos use para ganhar cinco vezes mais do que ele investiu¹⁰.

Schlee nunca se convenceu de que a briga em família foi a causa da suspensão do projeto. A informação sobre a interrupção da circulação do jornal foi veiculada em editorial publicado na capa da última edição, de 1 de janeiro de 1977 (Figura 4). O editorial foi ditado por telefone ao chefe da redação. Schlee, ainda confiante de que o projeto teria prosseguimento, preparou duas capas com antecedência, uma com o editorial anunciando a suspensão, e outra sem.

O jornal nunca foi retomado. Os funcionários, alguns vindo de outras cidades para trabalhar na *Gazeta Pelotense*, viram seus sonhos virarem pó de uma hora pra outra. Muitos entraram com ações trabalhistas contra a gráfica que publicava o jornal, inclusive Schlee, conforme atesta documento referente à demanda judicial encontrado entre seus pertences. Além dos prejuízos materiais e profissionais, ficou a

10 Entrevista de Aldyr Garcia Schlee concedida ao autor em agosto de 2018.

frustração dos envolvidos, já que o jornal se anunciava como uma possibilidade real de transformação das práticas jornalísticas da cidade, região e até mesmo do estado. Em agosto de 2018, Schlee comentou o encerramento das atividades: “[...] não sabíamos que 90 dias após o material gráfico importado começar a ser utilizado, ele podia ser vendido. [...] Sem contar o prédio, que eles destruíram, e só faltou agora botar sal no terreno”¹¹.

Figura 4 - A última edição



Fonte: Gazeta Pelotense, n. 90, 1 jan. 1977. Reprodução do autor, 2019.

O prédio em que ficavam a redação do jornal, a gráfica e a administração não existe mais. Um tapume de madeira foi colocado em volta do

¹¹ Entrevista de Aldyr Garcia Schlee concedida ao autor em agosto de 2018.

local. Em entrevista concedida para Bittencourt, em 1989, Schlee lembrou que algumas pessoas consideravam o jornal pretensioso para a época e para a cidade: “O que sabíamos era que o trabalho perfeccionista era o que visávamos. Sobre o Caderno dominical, considero que até agora não teve par no Brasil. E digo: faria tudo de novo” (BITTENCOURT, 1989).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Gazeta Pelotense* pode ser considerada um exemplar típico de períodos de transição na imprensa. Mudanças técnicas significativas ocorriam na produção jornalística nacional naquele momento. Muitas delas eram desdobramentos de períodos anteriores de transformações. O momento político por que passava o país, com sinalizações do regime ditatorial em direção à distensão do regime e à abertura política, mesmo que essa promessa ainda demorasse alguns anos para se concretizar, é outro fator importante para estabelecer esse diferencial para o jornalismo do período. Para fundamentar essa observação, porém, é importante analisar as categorias em que normalmente a imprensa é classificada durante a ditadura civil-militar, verificando suas características e ver em que jornais típicos de períodos de transição se diferenciam de publicações já com alguma tradição, em termos de circulação.

No momento em que a *Gazeta Pelotense* circulou, a imprensa é usualmente dividida em dois campos: grande imprensa e imprensa alternativa. Por sua característica “transitiva”, a *Gazeta Pelotense* não pode ser enquadrada em nenhuma dessas categorias, ao mesmo tempo em que agrega características dos dois campos. É grande imprensa, por ser empreendimento comercial que visa a lucro, e ao mesmo tempo reúne algumas características da imprensa alternativa, principalmente quanto ao aspecto da cobertura jornalística de temas que até certo momento não encontravam abrigo nas páginas da grande imprensa.

Os motivos que levaram ao fim da publicação ainda são controversos. Mas o impacto que o jornal causou na imprensa local, regional e mesmo estadual ainda são sentidos, anos depois. Principalmente em relação ao potencial transformador decorrente da inovação gráfica e editorial que buscou implantar, e que não amadureceu, em função do pouco tempo de circulação.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- _____. *A mídia na transição democrática brasileira*. Sociologia (Lisboa), v. 48, p. 53-65, 2005.
- _____. (Org.); LATTMAN-WELTMAN, Fernando; FERRIERA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. 200p.
- ALENCASTRO, Luis Felipe de. O golpe de 1964 e o voto popular. *Novos estudos CEBRAP*, nº 98, São Paulo, mar. 2014.
- AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, imprensa, estado autoritário (1968-1978) - O exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de S. Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.
- BANDEIRA, Ana da Rosa. *Diário Popular de Pelotas/RS: a forma gráfica de um projeto editorial (1890-2016)*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre (RS), 2018. 268f.
- BITTENCOURT, Rosa Aparecida. *Gazeta Pelotense, uma história*. 1989. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo) – Curso de Comunicação Social, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas (RS), 1989.
- BRASIL. *Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- _____. *Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Delo972.htm>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- CAETANO, Rosendo da Rosa. *O nazi-fascismo nas páginas do Diário Popular: Pelotas, 1923 – 1939*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2014.
- CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean. *Natureza e transformação do jornalismo*. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.
- GÓZ, Paulo Luiz Barcelos. *Paulo Luiz Barcelos Góz: entrevista* [set. 2019]. Pelotas: RS, 2019. 1 arquivo .mp4 (83 min.).
- JORNAL COOJORNAL. *Pelotas resiste*. Porto Alegre (RS), nº 9, out/1976, p. 5.

- Disponível em: <http://eusoufamecos.uni5.net/nupecc/conteudo/acer-vodigital/coojornal/>. Acesso em: 27 jan. 2020.
- _____. *Briga em família fecha a Gazeta*. Porto Alegre (RS), nº 12, jan/1977, p. 5. Disponível em: <http://eusoufamecos.uni5.net/nupecc/conteudo/acer-vodigital/coojornal/>. Acesso em: 27 jan. 2020.
- JORNAL CORREIO DA MANHÃ. *Guapé e Pelé garantem novos grandes prêmios de reportagem no Brasil*. 10 de maio de 1963, 10 Caderno. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=39594&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em 31 jul. 2019.
- JORNAL DIÁRIO POPULAR. Pelotas (RS), 26 set. 1976, p. 8.
- JORNAL GAZETA PELOTENSE. Pelotas (RS), nºs 0 a 90, set. 1976/jan. 1977.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2001.
- JORNAL ZERO HORA, *Você já leu um livro de Aldyr Garcia Schlee?* Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2018/11/voce-ja-leu-um-livro-de-aldyr-garcia-schlee-cjosvyz8wofudo1pid-t1a5y1e.html>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- LESCHKO, Nadia Miranda. *Inventário para a Memória da Indústria Gráfica em Pelotas/RS – 1920*. 2011. 135 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, 2011.
- LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (Orgs.). *Dicionário de história de Pelotas*. Pelotas: Ed. da UFPel, 2012. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/3466>. Acesso em: 8 jan. 2019.
- LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1.
- SANTOS, José Antônio dos. *Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957)*. Pelotas. Ed. Universitária, 2003.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. *Aldyr Garcia Schlee: entrevista* [ago. 2018]. Pelotas: 2018. 6 arquivos .mp4 (180 min.).
- SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES. Agência Porto Alegre. *Informe confidencial 146, de 26 de setembro de 1983*. Referência: APA ACE

- 7135/83. 5 páginas. Acervo: Arquivo Nacional. Disponível em: <http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ggg_83007135_dooo1deooo1.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2020.
- SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 54, 2007.
- SOBREIRO JÚNIOR, Valter. *Valter Sobreiro Júnior: entrevista* [abr./nov. 2020]. Pelotas: 2020.
- SPERANZA, Clarice Gontarski. *A greve da oficina de chumbo: o movimento de resistência dos trabalhadores da Empresa Jornalística Caldas Júnior* (Porto Alegre, 1983-1984). 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2007.
- VAZ, Luiz Carlos. *Luiz Carlos Vaz: entrevista* [out. 2019]. Pelotas: 2019. 3 arquivos .mp4 (210 min.).

Recebido em 05/07/2021

Aprovado em 23/03/2022